

Editorial

*Nasci de peito aberto, de punho cerrado
Meu pai carpinteiro desempregado
Minha mãe é Maria das Dores Brasil
Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira
Me encontro no amor que não encontra fronteira
Procura por mim nas fileiras contra a opressão
E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão
Eu tô que tô dependurado
Em cordéis e corcovados
Mas será que todo povo entendeu o meu recado?*
(Samba enredo da Mangueira, 2020)

Os trabalhos apresentados nesta edição se articulam em função do tema Psicanálise e Comunidade. Destacam a dimensão sócio-política do sofrimento pelo desamparo, humilhação e invisibilidade, propondo a escuta psicanalítica e o olhar humanizado como ferramentas imprescindíveis para uma abordagem que promova alguma transformação.

Estamos falando de uma Psicanálise implicada, que convoca os analistas a deixarem seu lugar conhecido e ampliarem o *setting*.

Havendo a possibilidade de ser diferente, a Psicanálise pode estender seus benefícios e criar possibilidades de escuta analítica voltadas àqueles comumente hostilizados por um sistema que exclui pessoas, as quais são atingidas em sua constituição como sujeitos. Mesmo assim, corremos o risco de enrijecimento, de dogmatismo, de nos alinharmos com práticas normalizadoras e/ou patologizadoras, segmentadoras de controle social.

Viver a experiência destes outros lugares tem um profundo efeito sobre o próprio analista, o qual passa a ter contato muito próximo com dores tão cruas e expostas, capazes de questionar os seus fundamentos teóricos e ideais narcísicos.

Pautadas na experiência resultante destas vivências com as margens alijadas da sociedade, através das parcerias da *Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre* com a *Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Porto Alegre* (SMED) e com a *Fundação Projeto Pescar*, temos a convicção do aspecto transformador de nosso próprio trabalho como psicanalistas, inclusive em nossa clínica privada.

Concordamos com Tânia Fonseca (2019), quando propõe em seu texto *A psicologia em tempos extremos*, que:

Alice Becker Lewkowicz et al.

Seria agir segundo um certo entusiasmo de uma vida – selvagem e livre –, ainda não encerrada no calabouço dos sentidos e das representações vigentes; agir a contratempo, a contrapelo, na contramão, visualizando no presente elementos anacrônicos e outros que pedem passagem e maior intensificação para se fazerem existentes. Tornar-se advogado de defesa de existências mínimas, conceder-lhes passagens e intensificação de potências, conferir-lhes realidade e atualização, levar a cabo sua instauração legítima no mundo das existências concretas. Produzir conhecimento como um modo de encontro, como um choque que força a pensar, como um afeto que derrete o gelo que está sendo formado nas beiradas dos corpos (p. 9).

Nesta edição, o leitor encontrará tanto textos apresentados no *I Simpósio de Vulnerabilidade Social e Psicanálise da SPPA*, realizado em outubro de 2018, quanto textos de outros autores, unânimes em afirmar a força potencializadora da psicanálise.

A partir do vértice dos textos sociais de Freud, Carmen Rodriguez reflete sobre o que acontece no cerne do tecido social e a sua repercussão na constituição do subjetivo para, em seguida, trazer à conversa perspectivas que ampliam a Psicanálise para além do *setting* clássico.

Os textos destacam que a aceitação da violência em várias dimensões do social, conforme Alice Lewkowicz e colaboradoras, resultam em vivências extremamente dolorosas de desamparo, as quais conduzem ao silenciamento e à submissão. Eles também enfatizam os efeitos transformadores e libertadores da palavra, citados por Ana Maria Gageiro et alii.

A psicanálise constitui-se, por si só, em um lugar de escuta e de circulação de fala, que, ao ser inserida em uma dimensão social, como sublinha Bárbara de Souza Conte, permite uma ressignificação das experiências de vida às margens da comunidade.

Alida Fuhrmeister, Maristela Wenzel e Rosângela Costa trazem o relato de uma Roda de Conversa ocorrida durante o *I Simpósio de Vulnerabilidade Social da SPPA*, em que participaram um mestre de capoeira, uma professora de música e um poeta. Neste evento sobre arte e psicanálise, tanto a música quanto a capoeira e a poesia foram citadas como possibilidades de construção de narrativas mais flexíveis, nas quais a violência urbana pode ser pensada, promovendo novos atravessamentos e discussões entre pessoas nos espaços coletivos existentes em nossa cidade.

Ana Maria Rosenzvaig e colaboradoras, a partir de uma experiência com grupos realizada junto a uma ONG estabelecida na periferia da cidade de São

Paulo, que atende uma população com alto grau de vulnerabilidade social, propõem pensar a escuta analítica na sua potencialidade transformadora ao oferecer um lugar privilegiado para a fala do sujeito, viabilizando ligações e pensamento, além de legitimar a condição de autonomia e singularização do sujeito na construção de sua história.

No texto de José Carlos dos Anjos, professor de antropologia da UFRGS, a vivência das comunidades negras pelo vértice da experiência com o racismo é apresentada como uma forma de violência que, destacada da lógica do silêncio, pode se tornar uma potência transformadora, aproximando-se, assim, da vivência psicanalítica em que a palavra assume papel central.

Carlos Augusto Ferrari e outros descrevem sucintamente a história da parceria entre duas instituições, apresentando também a Fase 1 do Projeto de Pesquisa *Diálogo entre educação e psicanálise: rodas de conversa entre SMED e SPPA*. Trata-se de uma pesquisa naturalística com abordagem qualitativa exploratória.

O artigo de Simona Taliani finaliza a seção temática deste número. Ela desenvolve uma reflexão a partir da etnopsiquiatria italiana da forma com que é realizada no Centro Frantz Fanon de Turim. Propõe que somente graças a uma *etnografia sem fim* é possível impedir o exercício de um saber enciclopédico, mesmo que antropologicamente sensível, possibilitando o encontro com o Outro na direção de uma busca de sentido a fazer juntos.

A seção *Temas Diversos* apresenta dois artigos. No primeiro, o colega Luiz Ernesto Cabral Pellanda retoma a questão da natureza terapêutica da psicanálise para levar em conta o novo paradigma da complexidade, que traz consigo a questão seminal da auto-organização dos seres vivos. O autor pergunta o que se altera na Psicanálise com a mudança de paradigma. Pensar por um novo vértice não modifica aquilo que é observado, mas somente o seu entendimento.

Luís J. Martín Cabré encerra este volume, reportando-se à Ferenczi para tratar das repercussões no psiquismo da criança das relações parentais violentas, bem como o efeito do traumático na constituição de um Ego cindido e, portanto, vulnerável. Assim sendo, aparece também neste texto uma visão *microscópica* dos traumatismos vivenciados nos laços sociais dos quais nos ocupamos ao longo deste número.

Enfim, esperamos que os leitores se sintam tão desafiados por esta leitura como somos em nossos trabalhos com as parcerias da SPPA.

Como sugere Virginia Ungar: “Eu não acho que haja fronteiras para a psicanálise continuar ajudando a mitigar o sofrimento mental. E também contribuir,

Alice Becker Lewkowicz et al.

em diálogo com outras disciplinas, para intervir nos efeitos do mal-estar social”¹
(2019, para. 35).

Desfrutem a leitura!

Alice Becker Lewkowicz
Joyce Goldstein
Luciana Aranha de Secco
Maria Elisabeth Cimenti
Mery Pomerancblum Wolff
Psicanalistas da SPPA

¹ Entrevista com Virginia Ungar. *Arquivos da Psicanálise na América Latina*, 15 de outubro de 2019. Recuperado de <http://www.fepal.org/entrevista-virginia-ungar/>.